



"TODOS NÓS SOMOS POBRES, MAS ELES SÃO UM TIPO DE POBRE DIFERENTE" ANÁLISE DO PODER SIMBÓLICO PRESENTE NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS EM ORLÂNDIA – SP

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3677

Bruno César Pereira, UNICENTRO
Alexandra Lourenço, UNICENTRO

Resumo

Ao longo da primeira década do século XXI, se observou uma grande migração entre as regiões nordeste e Sudeste do Brasil, em especial, diversas famílias nordestinas têm como destino o estado de São Paulo. São inúmeros os motivos que levam estas famílias a este processo de migração. O presente trabalho realizará uma análise das migrações rumo ao interior paulista, na cidade de Orlandia-SP, na qual, homens e mulheres migrantes se voltam para o trabalho no corte da cana-de-açúcar, construção civil e a produção de palha. Compreende-se que este movimento migratório reorganiza as estruturas sociais na cidade paulista, onde a entrada dos nordestinos no seio social desta cidade, gera uma série de características de socialização que aos poucos se estruturam em torno da discriminação, delinquência e exclusão. Assim, buscamos realizar uma análise destas questões da socialização entre paulistas e migrantes a partir da abordagem de Norbert Elias em sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*, obra está que foi debatida em meio aos encontros do *Núcleo de Pesquisa da Violência – NUHVI*, na UNICENTRO – Campus Irati. A metodologia para a realização do presente trabalho foi a realização de entrevistas com moradores da cidade de Orlandia, na qual, evidenciou-se, que o processo de socialização através das relações de jogos de poder entre os estabelecidos (paulistas) e os outsiders (nordestinos), se deu a partir de uma série de normas pautadas na exclusão de um grupo sobre o outro através da violência simbólica.

Palavras Chave:

Migração; Orlandia-SP;
Socialização;
Discriminação; Exclusão.

Introdução

Ao longo do final do século XX, se observou um aumento significativo das migrações sazonais do Nordeste, que possuíam como destino o Sudeste brasileiro. Onde boa parte destas famílias, têm como destino o interior paulista, em especial a região que se concentra uma grande alta do Complexo Agroindustrial Canavieiro, a região de Ribeirão Preto. Tal região em meados dos anos 2000, era responsável por cerca de 30% de toda produção de álcool e açúcar brasileiro (SILVA, 2005, p. 4).

Muitas destas famílias nordestinas têm como destino a cidade de Orlandia, a qual se encontra na região de Ribeirão Preto – SP. Boa parte destas se vinculou, ao corte da cana, assim como a construção civil e a extração da palha do milho, para a produção de cigarros artesanais.

Ao longo deste processo migratório (Nordeste-Sudeste), as famílias que têm como destino final a cidade de Orlandia, se inserem nas regiões periféricas desta localidade. Os principais motivos que levam estas famílias a terem como destino estas regiões são o baixo preço de aluguéis e a negação por parte de moradores naturais da cidade - que possuíam mais de uma residência em bairros mais centrais - em alugar residências para famílias nordestinas nestas regiões centrais. Assim, com este processo migratório a concentração de famílias nordestinas nas regiões periféricas aumentou consideravelmente entre o final da década de 1990 e início dos anos 2005, segundo dados do IBGE, entre estes anos houve um crescimento populacional considerável. (IBGE, 2005).

O presente texto, possui como objetivo central, realizar a análise das relações sociais entre as famílias naturais da cidade de Orlandia e as famílias migrantes, vindas do nordeste brasileiro. Onde estas relações se pautaram desde seu início, em uma série de disputas

simbólicas, seja no dia a dia dos bairros periféricos, ou nos ambientes de lazer, como é o caso dos clubes. Assim, o que se evidencia no processo de relação social entre estes dois grupos, é a forte disputa pela diferenciação, onde o campo destas disputas, é marcado inicialmente pela construção de uma série de estereótipos.

Se observa que esta relação de oposição destes grupos se dá inicialmente a partir da noção de antiguidade no local. A busca desta distinção por um lado une o grupo estabelecido, que se auto reconhece como uma classe superior, onde sua superioridade se dá, como já foi dito acima, pela ideia da antiguidade, criando assim uma percepção de naturalidade no local. O presente texto, terá como principais referenciais teóricas, os sociólogos Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Na obra de Norbert Elias *Os Estabelecidos e os Outsiders* teremos nosso ponto de partida para compreender as relações sociais entre nordestinos e paulistas na periferia da localidade paulista. Assim, nos utilizaremos de suas análises na localidade de Winston Parva, ao propormos aqui como estabelecidos, as famílias naturais da cidade de Orlandia, em contraponto com as famílias *outsiders*, as famílias vindas de fora formadas por nordestinos.

Em Pierre Bourdieu, sua principal contribuição para o presente texto, é a noção de violência simbólica, debatida pelo autor, já na primeira parte de sua obra *O Poder Simbólico*. Onde compreende-se está violência como a dominação de um grupo sobre outro, através da construção e legitimação de símbolos, que além de dominar auxilia na construção de distinções entre os grupos.

Para a realização do presente texto realizamos entrevistas com famílias nordestinas e paulistas na cidade de Orlandia. Ao todo foram entrevistados 8 famílias, onde cada uma destas teve duas gerações entrevistadas, tendo a primeira geração uma faixa etária de 45 a 70 anos, e

a segunda 21 a 30 anos. Entre as entrevistas para a pesquisa, foram escolhidas 5 famílias nordestinas - 1 da Bahia, 2 do Piauí, 1 de Alagoas e 1 de Pernambuco -, as demais entrevistas (3) foram realizadas com famílias naturais da cidade paulista - 2 famílias da periferia e uma família de um bairro central da cidade.

Assim no presente trabalho, buscaremos debater sobre as relações sociais nas regiões periféricas da cidade de Orlandia – SP, entre as famílias paulistas e nordestinas, seja nas relações sociais cotidianas nos bairros, seja nos locais de lazer. Tais relações, se deram por disputas simbólicas, pautadas sobre a violência simbólica entre estes grupos, na busca da construção e legitimação de estereótipos e estigmas, que constroem e reforçam a ideia de uma identidade para estes grupos; uma identidade que se pautou na exclusão de um grupo em benefício do outro.

Entre a favela e o centro: a construção e legitimação do estigma entre bairros na localidade paulista

A cidade de Orlandia, localizada no interior paulista, região de Ribeirão Preto, possui pouco mais de um século de fundação. Inicialmente como boa parte das cidades desta região, cortadas pelas linhas ferroviárias - construídas no início do século XX – teve sua produção econômica voltada para a cultura cafeeira (TOSI; FALEIROS, 2011). Mas nas décadas finais do século XX, a economia do interior paulista é marcada pelo avanço da produção de cana-de-açúcar, destinada a produção de açúcar e álcool. Tal região como é proposta na fala do Governador do estado de São Paulo, é um verdadeiro “mar de cana” produzindo diariamente “um rio de etanol” (SILVA, 2005, p. 4).

A cidade de Orlandia, como muitas outras desta região de produção canavieira, recebe centenas de famílias vindas dos processos migratórios

Nordeste-Sudeste. A introdução destas famílias se deu nas periferias da localidade, onde os moradores desta região as autodenominam como “favelas”.

Compreender esta região com a visão de seus moradores, é um processo importante para nossa pesquisa, pois se observa nesta visão de auto reconhecimento como moradores de favelas, um estigma que antecede a vinda das famílias nordestinas para esta localidade paulista. O processo de ocupação da cidade de Orlandia entre sua fundação na década de 1910, até as décadas finais do século XX, é marcado por uma segregação dos bairros, propondo assim uma ideia de zonas ricas e pobres, classificando e marcando seus moradores. São inúmeros os estudos que analisam esta segregação urbana, destacamos em especial o estudo realizado na cidade de Juiz de Fora – MG, onde os autores Rafael S. Silva; Daniel C. Baesso e Sandro Teófilo (2010), observam a formação do processo periferia-centro através dos discursos das especulações imobiliárias, que constroem a legitimação do discurso centro-periferia.

Todavia, é preciso frisar que no presente trabalho, a ideia aqui proposta e discutida de centro-periferia, não se resume a definição de centro da localidade analisada, não corresponde somente as áreas que concentram o comércio, indústrias, e moradia das famílias de maior poder aquisitivo, em contraponto a noção de uma periferia com bairros afastados espacialmente do centro, onde se localizam a população com menor renda e índices de desenvolvimento. Esta visão como nos aponta Carlos Roberto Loboda, ao discutir sobre esta questão centro-periferia na cidade de Guarapuava-PR, é um discurso atrelado a uma visão analítica dos espaços urbanos da segunda metade do século XX (LOBODA, 2016). Atualmente, sejam em grandes cidades, como médias e pequenas a concentração de bairros de classe média alta localizada no quadro urbano da cidade afastados dos

centros urbanos, localizada em zonas periféricas, muitas vezes, como é caso de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Ribeirão Preto, está muito próxima de bairros que possui uma concentração de renda muito baixa, chegando ao ponto de nos mostrar um contraste impressionante.

Assim, a noção de centro periferia, para a presente pesquisa, não está ligada somente as questões geográficas e econômicas. Mas também a noção de como os moradores se identificam e se observam inseridos nos espaços da cidade. Em especial na cidade de Orlândia, uma localidade com pouco mais de 40 mil habitantes, o que se observa é um espaço marcado pelo construções da ideia de centro-favelas. Onde de um lado as regiões “centrais” se diferenciam pelo alto preço dos imóveis, a forma de construção e sua localização, em contraponto as regiões ditas como favelas, que tem sua principal característica, ou melhor, sua marca, as casas de Conjuntos Habitacionais.

Podemos observar na fala dos moradores estabelecidos, como no caso do Sr. J.C. morador do Conjunto Habitacional – CH, Jardim José Vieira Brazão - um dos bairros periféricos da cidade de Orlândia, o estigma que o bairro possui, frente aos olhares dos seus moradores.

[...] eu trabalho na prefeitura, sou funcionário público, mas não é o que parece, eu ganho muito pouco, quase dois salários por mês, não sou nenhum rico, e se fosse não moraria aqui não é. Minha família sempre viveu aqui no Brazão, e isso já é uma algo não é, por que você sabe, o povo têm a ideia que todos que moram aqui são pores. (Sr. J.C., 2017)

Observa-se neste fragmento, logo acima, a representação que um morador possui do bairro onde mora, este discurso apresentado pelo Sr. J.C., é observado também na imagem de algumas

famílias nordestinas, como é o caso da Sra. A. C., migrante nordestina, vinda do interior do estado do Piauí, chegou a cidade paulista em 2008, junto a suas 3 filhas. Na entrevista realizada com esta senhora, foi possível identificar um dos estigmas muito comuns das “favelas” orlandinas, a marca do tráfico de drogas.

Eu morei na vilinha quando cheguei aqui em São Paulo, era um bairro bem tranquilo na época, distante do centro, mas antigamente era considerada a “Cidade de Deus”, sabe se lá porque (risos), ouvi falar que tinha muito tráfico de drogas, e o pessoal do centro não gostava muito daqui, quando a gente ia nas loja [lojas de roupas/ eletrodomésticos, mercados] e dava o endereço a atendente já olhava com uma cara. (Sra. A.C., 2017)

Outra moradora, que aborda os estereótipos das drogas nas periferias, é a Senhora outsider M. F., que resume uma das marcas impostas aos jovens estabelecidos da região periférica da localidade.

[...]o que eu acho feio são aquelas bermudas, sabe aquelas grande que tem um monte de estampa, aquelas são roupa de maconheiro, e não é eu que tô dizendo não, o pessoal do centro que diz que os meninos que usam isso que são, e meus filhos não são não nem deixo eles usarem para não ficarem falando isso, por que você sabe né [...] o pessoal que tem mais dinheiro sempre quer julgar, mas meus filhos não são não, a gente é pobre sim, mas não é por isso que vamos usar essas coisas. (M.F., 2017)

Além das características, pobreza e tráfico de drogas, nestas regiões chamadas de “favelas” existe outro estigma, a violência. Isso pode ser evidenciado na entrevista realizada com um jovem nordestino de 22 anos, morador de uma área periférica, C. H. São João. O jovem salienta que um dos locais de convívio social entre os moradores das

classes mais pobres é marcado por confrontos de grupos rivais. Ao ser indagado sobre os locais de convívio social, aos quais o jovem frequenta.

Eu nunca fui de ir em bailes de forró como a maioria dos nordestinos, eu preferia ir mais pra rua 1 [rua central da cidade de Orlândia] [...], lá é meio que um ponto de jovens, [...] íamos lá para conversar, beber conhecer outras pessoas, mas geralmente sempre dava umas brigas, brigas de bairros né, são brigas entre grupos, meio que rivais, dá pra ver que têm uma rivalidade entre a Vilha [C. H. São João], o Brazão [C.H. Jardim J. Vieira Brazão] e o Multirão [C. H. Edgar Beninni]. (W.R., 2017)¹

Observamos que está localidade paulista, assim como inúmeras outras cidades brasileiras, convive diariamente com os estigmas no dia a dia dos bairros. Onde os moradores das “favelas”, legitimam o discurso da pobreza, violência, etc.

Mas sem sombra de dúvidas as relações sociais desta cidade a partir do século XX passou a mudar drasticamente. Com a entrada das famílias nordestinas no seio social desta comunidade, aos poucos novos discursos e estigmas passam a ser construídos, mesmo em um local segregado entre periferia e centro o que se observa com a inserção do nordestino é a criação do discurso do “nós”. Discurso este que buscará diferenciar novos moradores (eles), dos antigos moradores (nós).

O discurso, centro-periferia nos dias atuais não desapareceu, o que mudou, ou melhor o que nasceu foi a diferenciação, a criação de uma hierarquia dentro destas periferias. A fala de um morador de longa data de uma das periferias retrata bem o nascimento de um novo estigma entre os moradores, ao

discutir sobre os indivíduos que moram no C. H. Jardim José Vieira Brazão o morador analisa.

[...] todos nós somos pobres, mas eles são um tipo de pobre diferente, é como se eles fossem um grupo a parte aqui no Brazão, [...] antes de eles virem para cá quem sofria com ser chamado de pobre, miserável era a gente, mas agora parece que a gente faz isso com eles, não que eles sejam isso, muitos deles são melhor de vida que eu e minha família, mas por terem vindo de fora e não pertencer a cidade a gente ainda coloca eles como abaixo da gente. (Sr. J.C., 2017)

Na fala de um jovem outsider, reflete além do estigma das favelas, o novo estigma criado com a entrada das famílias migrantes, em sua fala observamos o forte sentimento de exclusão, ao testemunhar a sua e a visão dos moradores da cidade sobre seu bairro.

A gente aqui morou sempre na periferia, e aqui na Vilha [C. H. São João], já têm um preconceito maior sobre isso, por que aqui é lugar de pobre né, e a galera que mora no centro da cidade adora deixar isso claro, mas têm umas questões que vão um pouco além disso, parece que ser pobre já é ruim, mas ser pobre e nordestino é um degrau mais abaixo ainda. (W.R., 2017)

O novo discurso do estigma: entre Estabelecidos e Outsiders

A busca de diferenciação entre os antigos dos novos moradores, nas favelas orlandinas se deu baseado na construção da ideia do nós e os “outros”, ideia está bem observada por Norbert Elias, ao analisar a comunidade inglesa de Winston Parva, assim como nesta comunidade, na cidade de Orlândia esta visão não é

¹ Os nomes das localidades foram incluídos pelos pesquisadores.

diferente, uma série de símbolos e discursos são construídos na busca de encontrar a legalização desta construção.

Um dos pontos marcantes é o sotaque, este é utilizado para a diferenciação dos moradores, a forma de falar, a gírias utilizadas pelos novos moradores os distinguem visivelmente dos antigos moradores. É a partir, também, deste sotaque, que se constrói a noção do “eu” ou “nós” que caracteriza os estabelecidos, segundo um jovem estabelecido G. I. o sotaque deixa evidente “que eles não são daqui, eles falam puxado, e a gente não fala assim, ai qualquer lugar que eles vão que não é lá onde eles moram, a gente já percebe de longe que é um piaui” (G.I. 2017).

A expressão usada por este jovem “piaui”, é uma forma de generalização, usada pelos estabelecidos ao se referirem a todos os migrantes nordestino. O grupo de migrantes é generalizado pelo grupo estabelecido, na fala da jovem estabelecida, A. B.: “eles falam bem parecido, se vestem e tem os mesmo hábitos, ai parece que todos vieram da mesma região”.(A. B., 2017)

Na entrevista realizada com a Sra. M. F., a mesma evidencia a generalização por parte dos estabelecidos a todos os migrantes nordestinos.

[...] uma coisa que me deixava muito brava, era que eles chamavam a gente tudo de piaui, isso me deixava muito brava mesmo, eu não sou do piaui, não tenho nada contra quem venha de lá. Mas eu não nasci lá. Eu sou do Pernambuco, e odiava que me chamasses de piaui, parece que eles não enxergavam que a gente é tudo diferente, eles falavam que a gente fala igual, mas não é bem assim não. (M.F., 2017)

Esta generalização também evidenciada pelo jovem outsider M.F.S.

Uma das coisas que mais enchia o saco era que muitos julgavam a gente por nossa forma de falar, o

sotaque, isso era uma das coisas que mais falavam [...] o problema é que eles nos colocavam como todo mundo igual, como se todos tivéssemos vindos de um único lugar, eles até colocaram um apelido nos nordestinos, eles nos chamavam de piaui, todos eram chamados. (M.F.S., 2017)

A proposta de homogeneização deste grupo, ao incorporar todos os nordestinos como piauis, é uma das inúmeras generalizações difundidas entre os estabelecidos. Outros discursos difundidos eram sobre a construção das ideias de que estes migrantes estavam voltados aos trabalhos apenas com a cana-de-açúcar, palha e construção cível. Que eles roubariam os empregos dos homens e mulheres naturais da cidade. Que estes migrantes estavam ligados apenas ao ciclo da cana e da palha, ou seja, após o término das safras estes voltariam para suas cidades no nordeste; etc. Estes discursos generalizadores, fazem parte do processo de violência simbólica do grupo estabelecido sobre outsiders em meio a região periférica orlandina.

Os discursos construídos, geram além da exclusão, o fortalecimento de uma hierarquia social na sociedade desta cidade. Outro exemplo muito abordado nas entrevistas tanto com famílias estabelecidas como de outsiders é a generalização sobre o gosto musical dos migrantes nordestinos. O forró, típico da região nordeste, ganhou espaço na cidade de Orlândia com a chegada dos migrantes, ao longo do início dos anos 2000, algumas casas de show e clubes periféricos da cidade passam a realizar shows nos finais de semana, onde muitos nordestinos passam a frequentar estes locais.

Para alguns nordestinos, como o jovem M.F. os bailes de forró eram “uma forma de reviver as raízes de minha terra” (2017). Nestes locais o jovem observa que inicialmente eram frequentados apenas por nordestino. Muitos estabelecidos se negavam a frequentar estes bailes, pois se criou a concepção de não serem lugares

para eles. Segundo o entrevistado J.C.

[...] nunca fui de ir muito nos bailes de forró lá no centro de lazer, primeiro por que não é uma algo pra gente daqui, é um lugar deles e segundo por que o local é violento, tem muita gente que vai lá só pra causar encrenca, e não adianta de nada ter segurança lá, por que quem faz a segurança é eles mesmos então do que adianta. (J.C., 2017)

Dois pontos neste fragmento são de suma relevância para compreender este espaço de lazer, o primeiro ao apontar que “não é algo para gente daqui”, este discurso é difundido tanto por estabelecido, quanto para outsiders, onde para os segundos, em especial, estes propõem o forró como parte de sua cultura, e não da cultura paulista. Assim, mesmo que estes ambientes sejam abertos a todos os públicos, e com o passar do tempo ambos passem a frequentá-lo, um jovem nordestino, ao falar sobre os forrós, argumenta que estes locais são destinados aos nordestinos.

Minha família frequentava bastante um clube que era perto do nosso bairro, o nome era Centro de Lazer [Centro de Lazer Edgar Beninni], lá tinha bastante baile de forró, não cobravam a entrada você só pagava o que consumia, era bem legal, era viver um pouco da nossa raiz, e também quem frequentava era só o pessoal vindo do nordeste, tinha muito pouca gente de fora, mas com o tempo parece que foi aumentando o número de paulistas lá, mas muitos dos nordestinos não gostavam dos paulistas lá, não sei parece que ali não é o lugar deles né, eles mal sabem o que é forró ou como se dança. (M.F.S., 2017)

O segundo ponto importante apresentado no fragmento anterior, na entrevista do Sr. J.C., é a ideia dos bailes de forró como locais violentos, ao propor que não era de frequentar estes locais. Essa afirmação nos conduz ao seguinte questionamento: como este estabelecido

tem a informação destes locais serem violentos? A resposta a esta pergunta é proposta na análise de Elias sobre o “poder da fofoca” na localidade inglesa de Winston Parva (ELIAS, 2000).

A fofoca aqui, para esta comunidade paulista, possui o poder de não somente difamar os bailes de forró, mas também de manter o estigma e a exclusão deste grupo, além de evitar que moradores estabelecidos participem devido ao “medo da violência” presente nestes locais.

Uma moradora estabelecida a Sra. M.A. ao falar sobre os bailes de forró demonstra inicialmente interesse em frequentar estes locais de lazer e convívio social, mas este interesse é logo deixado de lado.

[...], eles [nordestinos] começaram a fazer até uns locais só pra eles frequentarem aqui na cidade, tipo estes bailes de forró sabe, eu nunca fui, tinha até vontade de ir para conhecer mas só que lá são um lugar perigoso, a gente sempre escuta no rádio na hora do almoço que deu briga lá um arrancou a peixeira pro outro a já viu né. (Sra. M.A. 2017)

Outros moradores reforçam a visão das fofocas sobre os bailes de forró como podemos observar na fala de um estabelecido da regiões central da cidade de Orlândia o Sr. L. A.

A gente sempre fica sabendo das festas que eles organizam no Centro de Lazer Edgar Beninni, [...] sempre têm festas de forró, mas pelo que falam se tornou um lugar até pior de como era antes. É que antes esse lugar era voltado para o pessoal das favelas,[...]mas com a chegada dos nordestinos eles perderam esse lugar, ou frequentam com eles, isso eu não sei te dizer bem por que nunca fiz questão de ir em um lugar assim, nem eu nem minha família. Mas a sempre sabe que esse tipo de lugar só junta gente que não presta. (Sr. L.A., 2017)

Assim como um jovem outsider, também observa que as brigas e a violência não estavam presente somente nos bailes de forró.

[...] as pessoas falam que nos bailes de forró da muita briga com faca e sempre saiam alguém ferido de lá que tem pouca segurança e os seguranças não se envolviam por que era tudo gente conhecida, mas isso eu já não concordo acho que briga tem em todo lugar, tinha briga na rua 1 e também têm briga nos forrós e nem por isso o pessoal deixava de frequentar esses lugar. (W.R., 2017)

Se observa que ao longo da entrada das famílias nordestinas nas periferias da cidade de Orlândia, houve uma constante a busca de diferenciar, classificar, legitimar e hierarquizar os indivíduos que pertencem a essas regiões.

Os grupos outsider na cidade de Orlândia, possui uma série de estigmas criados pelos estabelecidos, na busca da diferenciação do “nós e dos outros”, evidente entre os fragmentos aqui apresentados, esta diferenciação se tornou visível a partir da disseminação de discursos que em poucos anos se tornaram estigmas para as famílias migrantes nesta cidade.

Os reflexos desses estigmas construídos a partir da violência simbólica se refletem na indignação de uma senhora, migrante nordestina, que chegou na cidade na década final do século XX.

A gente sempre sofreu, nem mais nem menos, que os outros nordestinos, [...] e por incrível que pareça nosso filhos também, é estranho né eles nasceram aqui mas eles eram considerados nordestinos, eu não entendi bem o porquê, mas parece que o pessoal queria separar um pouco. Mas dá pra ver que eles separam não só os que nasce aqui dos que veio de fora da cidade deles, por que o meu casal nasceu aqui, mas eles colocam eles como nordestinos, não entendo como

funciona isso. (Sra. R.L., 2017)

Considerações Finais

A inserção das famílias nordestinas nas “favelas” orlandinas, foi marcada por uma série de embates no campo simbólico. Uma cidade que desde sua fundação teve a divisão e a hierarquização de sua população em uma dicotomia (periferia – centro), após a chegada de inúmeras famílias vindas dos diferentes estados nordestinos, que inicialmente, se dedicariam ao corte da cana-de-açúcar, trabalho com a palha e a construção civil, que se estabeleceram nas regiões periféricas teve essa dicotomia ainda mais acentuada.

É neste meio que nasce a construção de uma ideia pautada no “nós e nos “outros”, de um lado uma parcela da sociedade se considera como superior, pela ideia de pertencimento ao local, construindo assim uma série de discursos pejorativos, embebidos em inúmeros estereótipos, na busca de estigmatizar a famílias recém-chegadas.

As marcas colocadas nestas famílias são inúmeras, seja a do nordestino como um ladrão de empregos; nordestino como trabalhador braçal; nordestino amante do forró; o nordestino que fala “arrastado”; assim como a própria ideia do “o nordestino”, um grupo homogêneo, seguido pelo termo “piaui”. Onde o principal meio de propagação de legitimação destas marcas é a fofoca.

Portanto, um aspecto importante que buscamos salientar é o fato de que não foi somente a construção deste discurso estigmatizado através da fofoca, mas também a busca de controle do próprio grupo através dessa, através da fofoca se constroem uma imagem dos bailes de forró como lugares violentos, não somente para estigmatizar, mas também, como evitar que os estabelecidos desta localidade paulista frequentem este local.

Assim, se observa que estes grupos, estão em constante disputa, de um

lado tendo os estabelecidos paulista propondo e legitimando os estigmas a estes grupos de família nordestinas; do outro se observa algumas famílias na disputa de seu espaço simbólico e físico (ex: bailes de forró), buscando pôr fim aos discursos construídos desde a chegada das primeiras famílias.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1989.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Dados demográficos da cidade de Orlandia 1990-2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/orlandia>. Acesso em: 20/09/2017.
- LOBODA, Carlos Roberto. Espaço Público e periferia na cidade contemporânea: entre as necessidades e as possibilidades. **Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 37, ago/2016, p. 37-63. Disponível Em: www.serufpr.br/reega. Acesso em: 20/09/2017.
- ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. **Agrária**, São Paulo: n. 02, p. 2-39, 2005.
- SILVA, Rafael Santos; BAESSO, Daniel Cesário; TEÓFILO, Sandro. **Espaço Urbano: exclusão, segregação e os vários níveis de habitação em juiz de fora**. Porto Alegre – RS: XVI ENG, 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/evento/listaTrabalhos.php>. Acesso: 20/09/2017.

Entrevistas

- A. B. jovem estabelecida de 27 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- A. C. senhora *outsider* de 45 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- G. I. jovem estabelecido de 22 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- J. C. senhor estabelecido de 57 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- L. A. senhor estabelecido de 51 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- M. A. senhora estabelecida de 65 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- M. F. senhora *outsider* de 57 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- M. F. S. jovem estabelecido de 23 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- R. L. senhora *outsider* de 47 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.
- W. R. jovem *outsider* de 22 anos. Entrevista realizada em junho de 2017.